

POEMA CULINÁRIO: AS RELAÇÕES ENTRE COMENSALIDADE E MEMÓRIA

Juliana Medeiros Ferreira¹

Francisco Romão Ferreira²

Maria Cláudia da Veiga Soares³

Poema culinário

No croquete de galinha /A cebola batidinha/ Com duas folhas de louro vale mais do que um tesouro/ Também dois dentes de alho/ Nunca serão espantalho. (Ao contrário) /E três tomates,/Em vez de causar dislates, Sem peles e sem sementes,/São ajudas pertinentes/Ao lado do sal, da salsa, (A receita nunca é falsa)/Todos boiam na manteiga/De natural doce e meiga. E para maior deleite, copo e meio de leite./Ah, me esqueci: três ovos/Bem graúdos e bem novos Junto à farinha de rosca (Espante-se logo a mosca)/a pitada de óleo,/Sem se manchar o linóleo, E mais farinha de trigo.../Ai, meu Deus, deixa comigo! (ANDRADE, 194-?)

O escritor Carlos Drummond de Andrade nasceu em Minas Gerais, na cidade de Itabira em 1902. Pouco se sabe a respeito da data de escrita de algumas de suas poesias, visto que só teriam sido publicadas depois da data de escrita. Mas, uma coisa é certa, Drummond é um cânone da literatura brasileira, e um gênio ao traçar paralelos entre memória, comida e sociedade. Portanto, construir uma receita como a da coxinha em forma de poema é colocar no circuito literário uma referência a uma identidade brasileira; é valorizar uma cultura nacional.

Igualmente faz-se importante destacar a questão da comensalidade, principalmente quando infere-se que, apesar de a receita de Drummond estar sendo preparada em um ambiente domiciliar, há a sensação de que a coxinha será compartilhada com alguém, com um grupo, seja ele de familiares e/ou de amigos pois “(...) Para nós brasileiros, comer é um ato social e não privado” (WOORTMANN, 2013, p. 6). Além disso, faz-se necessário ressaltar a importância que a coxinha tem na comida de rua e de boteco. Esse quitute consegue transitar

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

no espaço entre a rua e a casa, lugares tão importantes nas relações contemporâneas devido a novas revoluções - tanto laborais, quanto sociais e industriais. “Poema Culinário” também vai do lado avesso à dinâmica contemporânea, estratificada nas relações alimentares com fast food, velocidade e pressa. Sendo assim, cabe dar à luz o movimento contra a lógica alimentar capitalista quando enfatiza-se a afetividade na alimentação e resgata-se a comensalidade domiciliar como prática cultural brasileira. Observa-se, dentro da lógica capitalista o distanciamento da relação entre o indivíduo, o alimento e da casa. Em outras palavras, por mais que o sujeito esteja próximo do alimento, ele passa se distanciar dos elementos externos que compõem essa relação.

Assim, o autor, ao valer-se da estrutura literária para escrever sobre algo tão popular, rompe com conteúdos tradicionais, com expectativas e com a rigurosidade formal. Portanto, a mágica da leitura do poema torna fácil a apreciação - tal como é fácil comer uma coxinha - tranquila e acessível, linguisticamente e culturalmente falando através do uso de versos livres e temas do cotidiano. A graciosidade de fazer rimas simples com os ingredientes da receita tradicional como no verso “ No croquete de galinha/ A cebola batidinha/ Com duas folhas de louro/ Vale mais do que um tesouro” mostra que é possível, sim, fazer poesia de forma acessível e a partir de objetos democráticos e populares. Portanto, vale a pena provar dos diversos gostos da coxinha, e embarcar na cultura popular brasileira.

“Comer é um ato fisiológico, antropológico e cultural, mas é também emocional e simbólico” (BARCELLOS, 2017, p. 9). A partir disso, valer-se de uma estrutura literária com dois fios condutores que costuram as interrelações entre memória afetiva e comensalidade. Pode-se pensar, por exemplo, a criança curiosa que espia a avó preparando uma coxinha caseira, ou o senhor que nos fins de semana vai relembrar sua juventude em um bar. Ou seja, ambos compartilham da mesma memória afetiva, mas em momentos diferentes de comensalidade.

“Comer não serve só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-mundo” (CERTAU, 1994, p. 250). Tão fácil torna-se acessar o campo das memórias e dos afetos através da comida, assim como é fácil ser afetado pela coxinha feita pelas mãos de Drummond. Portanto, reviver a memória é poder compartilhar a comida novamente, é poder ressignificar lembranças e receitas, é poder fazer uma viagem só de ida para o mundo das lembranças, é poder resgatar a afetividade de um

tempo vivido no passado e alimentar-se, dessa vez, da vitalidade de novas memórias, fortalecendo as relações inter-humanas. Comer é a afetividade em movimento, é a memória encarnada sacudindo os pilares de uma existência tão fugaz quanto a humana. Comer é estar na casa da avó, sentindo o cheiro do alho e da cebola refogando na panela, do feijão fervendo para engrossar, do frango assando no forno, vendo a vovó andar de um lado para o outro com a colher de pau na mão e o pano de prato nos ombros enquanto estamos sentados na cadeira e mal encostando os pés no chão, esperando ansiosamente o momento de dividir o banquete no almoço de uma tarde de domingo. Ou seja, é saborear a inocência diante do tempo e da vida.

Pensar o quitute é entender a coxinha como uma figura múltipla em relação aos fatores exteriores que a compõem - culturalmente, historicamente e socialmente. Na falta de qualquer um desses fatores, a coxinha fica incompleta, tal como uma receita que não funciona quando falta um ingrediente. Como afirma Montanari (2013, p.157) “(...) a comida se define como uma realidade deliciosamente cultural, não apenas em relação à própria substância nutricional, mas também às modalidades de sua assunção e de tudo aquilo que gira em torno dela.”

"Poema Culinário" também vai do lado avesso a dinâmica contemporânea, estratificada nas relações alimentares com fast food, velocidade, pressa e pouco tempo. Assim, o “croquete de galinha”, descrita nos versos de Drummond é, um elemento cultural quando representa um costume alimentar brasileiro, é um histórico quando perdura na passagem do tempo e aparece como figura de memória de diversos elementos e indivíduos e também é um social quando integra pessoas e grupos da sociedade em lugares múltiplos.

As rimas simples acertam em cheio o leitor que já possui uma bagagem emocional e cultural acerca do famoso quitute brasileiro. Assim sendo, acaba indo na contramão da nova lógica de tempo, emergindo quem lê em suas próprias memórias, referências e culturas, em um tempo único e individual. Comer é embarcar numa viagem saborosa da memória e do afeto. Comer é uma forma de linguagem que alimenta as ligações interpessoais e, dessa forma, ao enrodilhar nessa aventura, colocamo-nos de volta em um lugar que nos (re)conforta, aninhados no carinho de um certo ambiente, de uma cozinha, de uma mesa. É reviver dias e pessoas, comidas e histórias, cultura e bagagem. É poder saborear novamente aquela comida que apenas aquela pessoa sabe fazer e também é poder estar de volta em um lugar e poder parar no tempo por alguns segundos.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; comensalidade; cultura; memória; poesia brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. Poema Culinário, [194-?]. Xapuri, Gastronomia, 23 ago. 2016. Disponível em: <https://www.xapuri.info/gastronomia/poema-culinario-no-croquete-de-galinha-a-cebola-batidi-nha/>. Acesso em: 28 set. 2020

BARCELLOS, Gustavo. **O banquete de psique:** imaginação, cultura e psicologia da alimentação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto.** Tradução de Paulo Neves. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura.** Tradução de Leticia Martins de Andrade. - 2a ed. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

WOORTMANN, Ellen F. A comida como linguagem. **Revista Habitus.** Goiânia, v.11, n.1, p.5-17, jan/jun. 2013.